

Haydu, Verônica Bender. “A grandeza de ser e verdadeiramente amar”. **Tribuna do Vale do Paranapanema**, Rolândia, nº 1266, p.7, 10 de agosto de 2007.

“A grandeza de ser e verdadeiramente amar”

O título deste texto é uma frase que já citei duas vezes nesta coluna e estou repetindo-a mais uma vez, porque eu gostaria de estender um pouco mais a análise das implicações que “ser” e “amar” podem significar, de acordo com a visão de homem que venho apresentando nos textos desta coluna.

Há uma infinidade de temas e conceitos que eu poderia destacar para essa análise. Um deles foi o que eu abordei no texto da Edição nº 1263 deste jornal, que foi “individualidade”. Este conceito implica em considerar temas como liberdade, autoconhecimento, autoconceito, autoconsciência, autoconfiança e, também, temas como viver em sociedade, moral, valores, constrangimento, vergonha, culpa, entre outros, muitos dos quais já foram descritos por mim nesta coluna.

O tema que quero enfatizar no presente artigo está relacionado com o aspecto relativo ao “ser”. Ou seja, tentarei responder a pergunta que cada uma de nós pode fazer a si mesmo: Quem sou eu? Quem sou eu enquanto pessoa?

Provavelmente todos nós sabemos muito bem quem somos, o que pensamos, o que queremos, o que conhecemos, o que sentimos e o que somos capazes de fazer. Ninguém melhor do que nós mesmos para sabermos o que se passa no nosso mundo subjetivo. Mas, será que todo esse conhecimento de si está sempre correto e é determinado por condições subjetivas e individuais presentes de antemão (aprioristicamente)? Apesar de a maior parte das pessoas achar que sim, pode-se dizer que quase todas elas concordam que o conhecimento e o autoconhecimento dependem das nossas experiências. Ou seja, depende da história que cada um vivenciou. Portanto, considera-se ser o conhecimento e o autoconhecimento fruto das experiências individuais.

O aspecto que quero destacar aqui é uma visão diferente dessa, de acordo com a qual o conhecimento e o autoconhecimento não são adquiridos a partir das experiências individuais, mas no intercâmbio entre os homens. Para tentar esclarecer, tomemos a expressão “grandeza de ser e de verdadeiramente amar” sob a ótica da psicologia e não de uma ótica poética. Vamos considerar o “eu” como sendo constituído a partir das interações que são estabelecidas com os outros. O nosso autoconhecimento e a nossa autoconsciência como sendo adquiridos nas interações entre os membros da comunidade sócio-lingüística na qual vivemos.

Ao aprendermos a nomear as nossas sensações, compartilhamos as experiências e aprendemos a perceber o mundo como o outro o percebe. É importante, no entanto, enfatizar que não basta eu dizer o que estou sentindo. A comunidade verbal deve aprovar e sustentar essas descrições para que elas possam vir a se constituir em conhecimento e em autoconhecimento, quando o que relatamos se refere a nós mesmos.

Tendo esclarecido esse aspecto, devo ainda explicar que mesmo sendo socialmente construído, o conhecimento, o autoconhecimento e aquilo que sou, o “eu”, podem apresentar características de individualismo. Uma pessoa pode ser egoísta e ter uma visão equivocada do que ela é e do que seja o amor. Uma pessoa, mesmo tendo adquirido seu conhecimento nas interações com os outros, pode não ser capaz sequer de tentar ver como os outros vêem o mundo, pode não ser capaz de tentar sentir o que outros sentem, pode nunca ser capaz de tentar “colocar-se na pele do outro”. Pessoas assim costumam sentir orgulho de sua individualidade.

Para exemplificar esse modo de ser, vou recorrer aos personagens fictícios da história que criei. Pedro é o personagem que agrediu sua noiva, Maria, e que mesmo assim não reconheceu seu erro, responsabilizando-a pelo que ele fez. Maria estava determinada a não continuar o seu relacionamento e terminou o noivado, estando muito segura quanto a sua decisão. Ela sentia-se forte quanto a essa decisão, principalmente, porque não era capaz de se imaginar vivendo ao lado de um homem que é violento, imoral e que tem valores muito diferentes dos seus. Pedro, por outro lado, não conseguia entender por que alguém poderia não querer se relacionar com ele, que, na sua própria opinião, era um homem completo, realizado e bem-sucedido. Pedro achava que o que ele sentia e o que ele queria deviam bastar para Maria desejar ser sua mulher. Não havia, na compreensão dele, a possibilidade de Maria não o querer, de Maria não o amar, de Maria não se estar disposta a ficar com ele.

Parece que a frase do poema “Culpada sou eu” de Cleide Canton Garcia (<http://www.paginapoeticadecleidecanton.com/culpadasoueu.htm>) aplica-se de forma apropriada ao que Maria poderia estar sentindo em relação a Pedro, que é culpa por não ter conseguido fazer Pedro “enxergar a grandeza de ser e verdadeiramente amar”.

Você pode acessar os textos anteriores desta coluna, no meu *site* pessoal:
www.uel.br/pessoal/haydu.

Verônica Bender Haydu
Professora da Universidade Estadual de Londrina
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo